

HISTÓRIA, CORPO, RAÇA E GÊNERO DESAPROPRIADOS – A Violência Sócio-reprodutiva da Mulher Negra sob a Ótica do Livro “Olhos d’água”

Julie Evilin Lopes Donato¹
Caio Gabriel Barbosa Nascimento²

RESUMO: O presente ensaio tem como objetivo a análise do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, presente no livro “Olhos D’água” (2016), da autora mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito. Deste modo, busca-se compreender as violências de gênero, raça e classe sofridas na realidade brasileira trazidas por Evaristo no conto escolhido. Ademais, pretendeu-se elencar disparadores teóricos para uma discussão acerca dos aparelhos públicos do Estado como mantenedores de práticas discriminatórias e das relações de produção existentes (González, 2020). Com contribuições da Teoria da Reprodução Social (Bhattacharya, 2017) e do feminismo afro-latino-americano (González, 2020), pôde-se analisar de forma concreta as interpolações entre ficção e realidade presentes na literatura de Evaristo, que não contam apenas a história de Natalina, mas sim a história que milhões de brasileiras carregam consigo, sob um Estado opressor das violências raciais e sexuais.

Palavras-chave: Teoria da Reprodução Social; Gênero; Feminismo Afro-Latino-Americano; Patriarcado.

ABSTRACT: The current essay has the objective to parse the novel present on the book “Olhos D’água” (2016), by the mineira author Maria da Conceição Evaristo de Brito. Therefore, the purpose was to understand gender, racial violences and class struggles within the brazilian reality brought by Evaristo on the chosen novel analyzed. Furthermore, it was intended to list the Theoretical framework for a discussion around the publics organizations of the State as mentors of discriminatory practices and the existent relation with production (González, 2020). With contributions from the Theory of the Social Reproduction (Bhattacharya, 2017) and the afro-latino-americano feminism, could be analyzed concrete forms of interpolation between fiction and reality presents on Evaristo’s literature, that are not only Nataline’s story, but a story hold by millions of brazilian women, hold by an oppressor State perpetuating gender and racial violences.

Keywords: Theory of the Social Reproduction; Gender; Afro-Latino-americano Feminism; Patriarchy.

INTRODUÇÃO

Em uma escrita real, na qual transforma o discurso lírico em uma arma política contra-representativa da história da população negra do Brasil, Maria da Conceição Evaristo de Brito narra, em “Olhos d’água” (2016), as violências classistas, raciais e de gênero que atravessam a vivência de sujeitas e sujeitos negras brasileiras. Reunindo quinze contos em uma obra que,

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Vitória da Conquista, Bahia. E-mail: evilinlpes@gmail.com

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Vitória da Conquista, Bahia. E-mail: 2022110648@uesb.edu.br

para usar as palavras da autora de seu prefácio, Heloisa Toller Gomes (2016), sangra a verdade diante de duras realidades costuradas “com fios de ferro”, Conceição Evaristo entrelaça estas fibras férreas a discussões propositadamente evitadas e instrumentalizadas pelas forças ideológicas dominantes, reprodutoras e fortificadoras dos processos de desumanização e subsunção engendradas pelo Capital.

Evaristo nos provoca à crua imersão na crueldade, medos, ressentimentos e dura objetividade que perpassam as vidas reais – embora, metamorfozadas pela escrita fictícia – daquelas que estão à periferia dos cuidados, mas na linha de frente de sua reprodução; as mulheres negras. Em cada conto, existe uma trama singular, na qual é possível identificar as particularidades de uma realidade reificante, onde sujeitas e sujeitos negros enfrentam as barbáries do lugar ao qual o racismo e a higienização da branquitude os relegam. A discussão do “lugar de negro” (Gonzalez e Hasenbalg, 1982) é transcrita, nada sutilmente, pelas intransigentes linhas de Conceição Evaristo, enquanto o leitor é deixado ao sufocamento da glote pelas suas palavras.

À vista das vivas e fundamentais reflexões trazidas em “Olhos d’água” (2016), o presente ensaio propõe uma análise de um de seus contos; quer seja ele, o caso “Quantos filhos Natalina teve?”. À luz da Teoria da Reprodução Social e do feminismo afro-latino-americano, proposto pela intelectual brasileira, Lélia González, pretende-se uma análise que mobilize as categorias de gênero, raça e classe, localizando a posição conferida à mulher negra ao longo da formação e sócio-reprodução do capitalismo patriarcal-racista dependente do Brasil (González, 2020). Outrossim, objetiva-se elencar disparadores teóricos para uma discussão acerca dos aparelhos públicos do Estado como mantenedores de práticas discriminatórias e das relações de produção existentes (González, 2020).

Se, em todo o livro, Evaristo interpõe as contradições de uma realidade racializada, generificada e pauperizada, em “Quantos filhos Natalina teve?”, ela apresenta acentuadamente as violências raciais e de gênero que se interpõem à autonomia dos corpos de jovens mulheres negras. Neste conto, somos introduzidos à objetificação do corpo de Natalina, uma jovem mulher negra da periferia que, ao engravidar aos 14 anos, vê-se destituída das decisões sobre o próprio corpo. A ameaça de ter outras pessoas invadindo, violentando ou usando do seu corpo, sem a consideração deste pertencer a um sujeito próprio, repete-se em mais de um momento de sua vida. Seja na adolescência, quando a mãe e a figura de Sá Praxedes parecem-lhe querer comer na barriga a criança que não quer ter; seja na juventude, quando Tonho ou, mais tarde, sua patroa, queriam usar de sua fertilidade para reproduzir uma família que ela mesma não desejava; ou ainda, quando mais madura, e é vítima de uma violência sexual, Natalina vive a destituição de um território singular; o corpo.

METODOLOGIA

O presente ensaio possui o caráter metodológico de uma abordagem qualitativa, se utilizando da análise do conto “Quantos filhos Natalina teve?” (Evaristo, 2016) com diálogo com a revisão de duas teorias, quer sejam elas, A Teoria da Reprodução Social (Bhattacharya, 2017) e o feminismo afro-latino-americano (González, 2020).

Ao questionar quem produz o trabalhador, Bhattacharya mobiliza categorias de análise para além de sua visão aparente, colocando em plano principal os processos sociais e a rede de relações que permitem a manutenção da vida cotidiana. Com o trabalho humano como centro da reprodução da sociedade, a sociabilidade capitalista apenas enxerga como produtivo o trabalho que gera lucro financeiro. No entanto, o trabalho familiar e comunitário que é responsável por reproduzir o trabalhador e fazer com que ele chegue ao postos de trabalho “produtivo” é concebido enquanto inexistente, ou seja, não trabalho. A Teoria da Reprodução Social (TRS) coloca sob a luz o trabalho que produz mercadoria e o trabalho que produz pessoas. Construindo pontes de diálogo com Lélia Gonzalez (2020, p. 129), a divisão do trabalho não pode ser lida de maneira generalizada, devendo sim levar em consideração o recorte racial.

Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas.

Assim, de acordo com González, ao enfatizar a posição social das mulheres juntamente com o racismo e sexismo, vê-se que as mulheres racializadas são alocadas na margem da sociedade, onde são suprimidas de sua humanidade e negadas do direito ao próprio discurso e da própria história. O movimento do feminismo afro-latino-americano reconhece os avanços do feminismo avançando ao colocar também como cerne a desigualdade racial.

Desse modo, é buscado nesse ensaio entender as complexidades que vão abarcar a vida de Natalina, relacionando-as ao trabalho de manutenção da vida, sendo este realizado enquanto trabalho não remunerado dentro do âmbito familiar, como o trabalho doméstico precarizado realizado em casa de outras famílias, como o papel social da mulher negra na realidade brasileira, com todas as violências que estes lugares a trazem ao longo de sua vida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, extraído da obra “Olhos d’água” (2016), de Conceição Evaristo, a autora narra a objetividade da vida de uma mulher negra, num país inserido em um sistema econômico patriarcal-racista (González, 2020), que se inicia antes da

história de Natalina, a protagonista. Quando, aos catorze anos, Natalina engravida pela primeira vez, sua gravidez indesejada encontra eco na experiência de outras mulheres como ela e, mesmo, na de sua própria mãe. Entre os filhos vingados e os nunca paridos, há o peso do “valor”, sumariamente apresentado àquelas mulheres pelo contexto produtivo em que se inserem, que tangencia a diferenciação por elas reproduzida.

Conforme Bhattacharya (2017), ao introduzir o pensamento marxiano para o fundamento da Teoria da Reprodução Social, o processo de circulação capitalista transforma a força de trabalho em mercadoria, e esta assumirá duas manifestações: valor de uso ou valor de troca. Na família, e esta, como aponta a TRS, será assistida e diretamente reproduzida pelo trabalho não-remunerado de mulheres, a força de trabalho se reproduz, mas nela, contraditoriamente, o capital não encontra um espaço de produção de valor. As mulheres da comunidade de Natalina, ao separarem um “valor da vida” e um “valor da morte” – assim que trata Evaristo (2016) a questão reprodutiva – introjetam, pois, o maniqueísmo da premissa capitalista para suas relações sociais.

Isto é, àquelas mulheres o “valor” da vida ou da morte representa, sobretudo, contudo não somente, a reprodução de um trabalho que, para o Capital, por meio da reposição de trabalhadores docilizados, possui certo valor de uso, mas que para elas próprias implica um trabalho inesgotável. E destaca-se não somente essa atribuição ao “valor” da vida ou da morte, porque, marcadas pela desigualdade racial e social, reproduzir uma nova força de trabalho significa, ainda, como reflete González (2020) sobre a juventude negra brasileira, concretiza-la na sistemática perseguição, opressão e violência policiais sobre ele. O “valor” da vida ou da morte é também lutar por uma sobrevivência em estado de miséria congênita.

De volta à história de Natalina, que nem se inicia ou tampouco se finda nela, a menina sai de casa, com um feto na barriga e a certeza de não querê-lo, deixa-o no hospital e, em sua segunda gravidez, experiência novamente a amargura de uma nova barriga com alguém dentro. Desta vez, no entanto, um filho simbolizava se prender a alguém; representava a sentença de uma família com um homem que esperava dela um “modo de mulher”; um jeito que assimilava a realização e a felicidade de uma mulher a ter “uma casa, um homem, um filho...” (Evaristo, 2016, p. 48). Quando Tonho, o homem que questiona o “modo de mulher” de Natalina, espera sua domesticidade e realização com a construção de uma família, ele reproduz uma outra esperança, igualmente desejada pelo capital para com seus trabalhadores explorados: a da subordinação.

Para Silvia Federici (apud Sears, 2017), há uma relação entre a desapropriação promovida pelo sistema de produção econômico capitalista e a dominação dos corpos daquelas

responsáveis por produzir socialmente novos trabalhadores livres. Afinal, “não basta [para o capitalismo] privar os trabalhadores da propriedade sobre os principais recursos produtivos, também é necessário tirar o controle efetivo de seus corpos continuamente” (Sears, 2017, p. 254). Não obstante, essa desapropriação é acentuada pela generificação, colonização e racialização da classe trabalhadora, alicerçando-se em processos diferenciadores de subordinação (Sears, 2017), nos quais a família torna-se um símbolo de realização da compulsão do regime capitalista, enquanto exerce seu controle efetivo sobre os corpos das principais encarregadas pela reprodução social; estas são, as mulheres.

Conquanto analisa-se, aqui, a significação da família e da reprodução do mito dominador masculino para a parcela generificada da classe trabalhadora, não é intenção negar os próprios desejos e vontades de Natalina, afinal, destituí-la de suas singularidades é reificá-la a uma universalização objetificante. Entretanto, sua singularidade, ou ainda, sua subjetividade, é diretamente atravessada pela objetividade de uma realidade alienante, que reproduz sobre ela as violências necessárias à manutenção do *status quo* do capital.

Tal premissa pode ainda ser melhor compreendida pela terceira gravidez de Natalina, também não quista e subsumida no desejo de um outro; um sujeito Outro da branquitude. Sua terceira gestação é sim desejada, mas não por ela própria e sim, por sua patroa, que a pede para que engravide de seu marido e dê o filho a eles. Desapropriada da sua força de trabalho e, beligeradamente, do seu ventre que agora se tornava domínio de outra mulher, Natalina se porá a deitar com o patrão e a gerar barriga para o melhor exemplo da família moderna da classe média; que planeja um filho, cujos cuidados – e neste caso, mesmo sua gestação – serão produzidos por uma outra mulher, racializada e ainda mais pauperizada.

Da condição de trabalhadora de Natalina, González (2020, p. 50) destaca o papel da mulher negra na produção econômica, para a qual:

[...] ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares.

Da condição específica de empregada doméstica, por sua vez, González (2020, p. 51) aponta como, “de maneira geral, a mulher negra é vista pela sociedade a partir de dois tipos de qualificação ‘profissional’: doméstica e mulata”. É sob a égide da domesticação e animalização do corpo negro, pois, que os patrões de Natalina possuem seu corpo e apropriam-se de sua força reprodutora.

Finalmente, a última gravidez da protagonista é aquela da qual sente não dever coisa

alguma a pessoa alguma. Seu filho é de fato seu, não o fruto daquele estupro que o colocara na sua barriga, mas uma criança somente sua, concebida, que vingava por conta de sua bravura em matar seu algoz, por sua libertação; porque ali, já não tinha mais nada a perder (González, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “Quantos filhos Natalina teve”, bem como toda a obra do qual fora extraído “Olhos d’água” (Evaristo, 2016), narra, a partir da singular história de várias mulheres, as violências desumanizadoras que engendram as vidas e subjetividades de sujeitos e sujeitas negras no Brasil. Enquanto, em uma leitura despreendida da obra intelectual de Conceição Evaristo, a narrativa pareça dar conta da realidade individual daqueles que contam suas histórias, em uma leitura que se preze a compreender produção e reprodução econômica como mantenedoras das opressões relegadas à classe trabalhadora, que é generificada e racializada, torna-se possível apreender a verdade sobre uma outra realidade. Uma realidade na qual a marginalização, brutalização e miséria são sustentados pelas falsas reparações de um Estado que, ao reproduzir a cruel massificação capitalista, não rompe com seu passado escravocrata, sexista e higienista; pelo contrário, repete e fortalece sua história brutal e desumanizante, reforçando o perpétuo pacto colonial-sexista.

REFERÊNCIAS

BHATTACHARYA, Titi. Introdução: mapeando a teoria da reprodução social. In: BHATTACHARYA, Titi (org.). *Teoria da reprodução social: remapear a classe, recentralizar a opressão*. São Paulo: Elefante, 2017. p. 21-43.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Schwaarcs-Companhia das Letras, 2020.

SEARS, Alan. Política do corpo: a reprodução social das sexualidades. In: BHATTACHARYA, Titi (org.). *Teoria da reprodução social: remapear a classe, recentralizar a opressão*. São Paulo: Elefante, 2017. p. 247-271.